

p e s q u i z a

Às cegas, procuro um rumo
que me conduza direito
àquilo que tenho em vista.
Eu não quero andar aos tombos
por esta estrada deserta
que tem covas abismais
Onde se pôde cair.

Eu quero um caminho plano
que me leve são e salvo
ao fim da minha jornada,
que me dê a segurança
de poder crer em mim próprio
na minha força nascente
que não sei como empregar.

Mas ai! caminho sonhado,
onde será teu princípio
que ainda o não encontrei?
Não há guia que me leve
ao lugar em que começas,
ninguém que lá me dirija...

Às cegas, ando à procura
dum rumo que a ti me leve.

Por quanto tempo andarei
a descobrir o caminho
que desde há muito sonhei?

ARMANDO VENTURA FERREIRA

d e l i v r o s

Porque o saber-se que o Sr. poeta *Fulano* recebeu influência do Sr. poeta *Sicrano* ou do Sr. poeta *Beltrano*, (que por sua vez também deveriam ter sofrido inicialmente influências de outros Srs. poetas) não ajuda grandemente a julgar do valor do poeta que se estreia, valor que, para nós, deve ser avallado principalmente pelo seu potencial emotivo, originalidade e consubstância de ideias.

E, também, porque leva o público desprevenido a ver nessa questão da influência não o que ela de facto representa, mas sim qualquer coisa que não anda muito longe de uma imitação servil.

Eu, Tu e Eles—são as três partes em que o poeta divide o livro.

Dizemos em que o poeta divide o livro e não as partes em que o livro está dividido.

Eu, mais eu, mais eu, eis de facto as partes em que o livro por natureza a si próprio se divide. Porque é o *eu* do poeta que inunda quasi todas as páginas:

O mundo existe desde que eu fui nado.

Tudo o mais é um... *era uma vez*
—A história que se contou.

Acaba o mundo
Quando eu morrer.
Sim... será o fim!
Também tu deixas de existir,
No mesmo dia.

(Eu—Génese)

Ontem fugi da minha vida
Com medo de poder gostar da morte:
As faces deste cubo, onde pernoitei,
Deslizavam sobre mim,
Silentes,
Impiedosas,
Tangentes ao meu corpo
Como tábuas de caixão.
A minha porta abriu-se: abriu-a a
minha mão;
(As minhas mãos! eu quero ainda
vê-las!)
Duas estranhas peças, mortas, inteiriças,
Dormentes e apagadas como estrélas
De cortiça)

(Eles—Centrifugo)

E até mesmo no Tu, onde o individualismo do poeta mais se esconde, ele lá está também, se bem que por vezes surgindo apenas de uma maneira indirecta.

Aqui o *eu* do artista acha-se como que misturado, intimamente fundido com a obra que criou:

Também tu deixas de existir,
No mesmo dia.

O *Tu* existe como seu complemento apenas, como sua consequência lógica.

Não posso.
Não posso esperar mais a virgem
dos vitrais.

Ruborizado,
Pregado neste chão frio da nave,
Tremo a febre do cio.
Soam-me lá fóra canções tropicais
De desafio.
E' tarde e não posso!

(Tu—Canção de outrora)

Esta como que obsessão do *eu* é porém característica (escrevemos característica, note-se, e não defeito) de muitos poetas modernos.

Todo o artista deve, é certo, universalizar-se tanto quanto possível, para que, ao tomarmos contacto com ele, não nos achemos com surpresa totalmente estranhos ao seu mundo.

Mas esta necessidade de limitação do poeta moderno, do poeta que vive a sua época,—e para nós toda a poesia tem de ser vivida—éste muito amor ao *eu*, não é egoísmo, não é egolatria, nem significa ausência de humanidade, ela é mais a submersão do poeta na sua angústia, angústia que não é só dele, mas de nós.

Mas há ocasiões em que o poeta foge como que a medo

de dentro de si mesmo e, então, de costas voltadas para o seu *eu* consegue ser menos interiorista, mais vibrante, como em *Canção da mulher virgem*:

Bem sei que me esperas,
Estrangulando um vago, escondido,
ciume
De não seres a outra...
Desflorada,
Não se sabe por quem,
Num desvio de estrada!

Ou em *Catedral*, quando diz:

Porém,
No outro dia, bem de dia,
Achei-me na grandeza alar das tuas
pedras,
A erguer-te da fundura á frente es-
cura
Do teu cimo, rente ao céu.
Encontrei-me arrastando a lage côr
de mel,

No andaime,
Expondo ao Sol os teus lavrados,
Salpicados de sangue
dos pés esmagados.
Achei-me a conceber-te
Como o pai que morreu gerando o
filho
Que os tempos não consomem.
E gostei de ser homem!

E era deste modo que gostaríamos de o ouvir falar de preferência.

C. F. B.